

## TIPOS DE PODAS E PRODUTIVIDADE DA LAVOURA MICROTERRACEADA DE CAFÉ ARÁBICA

C.A. Krohling –EngºAgrº Pesquisador e Extensionista - INCAPER– Marechal Floriano –ES - [cesar.kro@hotmail.com](mailto:cesar.kro@hotmail.com),  
Sobreira, F.M – Professor do IFC - Araquari– SC – [fabricio.sobreira@ifc.edu.br](mailto:fabricio.sobreira@ifc.edu.br)

A cafeicultura tradicional de montanha, por seus custos associados aos tratos culturais manuais, enfrenta o desafio de se manter competitiva frente à cafeicultura de áreas planas, nas quais as atividades são mecanizadas. Uma estratégia para reduzir os custos da lavoura de montanha, através de melhor rendimento operacional dos trabalhadores é introdução da mecanização, é o cultivo em microterraços. Neste modo de cultivo, as plantas permanecem no solo inclinado, porém o espaço entre as ruas do cafeeiro é terraceado, ficando apenas com uma ligeira inclinação contrária ao declive natural da montanha.

Em função do espaçamento estreito entre linhas, próprio da cafeicultura de montanha, produtores e técnicos levantaram a hipótese, avaliada neste trabalho, que o corte dos terraços a uma curta distância do tronco do cafeeiro (cerca de 20-30 cm) provocaria a perda de plantas ou causaria redução expressiva na produtividade. Considerando que as podas do cafeeiro, conforme o nível de intensidade, representam a morte de raízes da planta, objetivou-se avaliar os efeitos da implantação de micoterraços simultaneamente a aplicação das principais podas de renovação da lavoura de café arábica na Região de Montanhas do ES.

O estudo foi conduzido no “Sítio Krohling”, em Santa Maria de Marechal, Marechal Floriano- ES a 760 metros de altitude em uma lavoura de café Catuaí Vermelho IAC – 44 (*Coffea arabica* L.), com 13 anos de idade, espaçamento 2,5 x 0,9 m em uma Unidade Demonstrativa/experimental onde está se testando tipos de podas e terraceamento entre as linhas. O ensaio foi iniciado em outubro/2014, quando se realizou o microterraçamento entre as linhas do café e a poda com o auxílio de motosserra com os seguintes tipos: T1- Testemunha (livre crescimento); T2- Decote médio (altura de 1,5 m); T3- Decote (1,5 m) + esqueletamento (30 cm) e T4- Receita convencional (20 cm de altura). Utilizou-se o delineamento experimental em blocos ao acaso, com 04 tratamentos, quatro repetições com 20 plantas/parcela. Os tratos culturais da lavoura são 03 adubações distribuídas nos meses de Out., Nov. e Mar. E uma aplicação no solo via “drench” de Verdadero WG na dose de 1,0 Kg/Ha. Para a avaliação da produtividade colheu-se cinco plantas de cada repetição para cada tratamento, cuja produção foi medida e pesada. Amostras de 1,0 kg de café/parcela foram secos até o teor de umidade de 12%. Após foi calculado o rendimento de litros cereja/saca beneficiada e transformados em sacas beneficiadas/hectare (Sc/ha). A percentagem (%) de infecção de ferrugem foi avaliada em 10 plantas/repetição, 4 ramos por planta, sendo 02 ramos do lado de cima e 02 ramos do lado de baixo com 02 folhas por ramo do 3º e 4º par de folhas. A avaliação do vigor vegetativo foi realizada no campo através de notas de 5 a 10. Para a análise estatística da produtividade, da ferrugem e do vigor vegetativo foi realizada a ANOVA e o teste de Tukey ao nível de 5% de significância com o auxílio do programa SISVAR (Ferreira, 2011).

### Resultados e conclusões

Os resultados apresentados na **Tabela 1**, mostram que ocorreram diferenças significativas para a produtividade média (Sc/ha) em todas as safras e na média das quatro safras (2015, 2016, 2017 e 2018). No entanto, os tipos de poda não diferiram quanto à porcentagem de infecção da ferrugem e vigor vegetativo no ano de 2018.

Os dados permitem inferir que para a produtividade média de quatro anos, o tratamento T1- testemunha (sem interferência de poda) foi o que apresentou maior produtividade (46,6Sc/Ha) e se diferenciou de forma significativa dos demais tratamentos, apresentando maior produção acumulada (186,6 sacas); porém não diferiu dos tratamentos podados quanto ao vigor vegetativo e infecção de ferrugem (74,0 %) nesta safra de 2018, ano de safra alta. Os tratamentos T2 – Decote e T3- Decote (1,5 m) + esqueletamento não diferiram entre si. Esses apresentaram produtividade média de 40,45 Sc/Ha e produção acumulada nas safras de 161,6 sacas. O tratamento T4- Receita obteve a menor produtividade média nas quatro safras avaliadas (35,1Sc/ha) e se diferenciou de forma significativa dos demais tratamentos. Este está com a menor produção acumulada (140,3 sacas). Para a ferrugem, não houve diferença significativa para os 04 tratamentos avaliados nesta safra, sendo que todos tratamentos apresentaram alta infestação da doença em função da alta safra e também porque o produtor só realizou controle através da aplicação via “drench”, o que mostra que somente o controle via solo não é suficiente para controlar a doença em anos de safra alta. Até esta quarta safra, os resultados mostram que a poda drástica do tipo receita demora mais para recuperar a média de produtividade comparada com outras opções de podas do tipo decote (T2) e decote+esqueletamento (T3), que tem uma intervenção média na parte vegetativa das plantas; o que é desejável para a sustentabilidade econômica da atividade, principalmente do agricultor familiar em Regiões de Montanhas. Apesar da maior média de produtividade ser da testemunha de livre crescimento (T1), sabe-se que a intervenção com algum tipo de poda é fundamental, já que o porte elevado da cultura dificulta muito a colheita (manual ou com derriçadeira costal) e os tratos culturais, prejudicando o rendimento operacional que representa elevação no custo de manejo da lavoura. Embora as podas sejam fundamentais para baixar o custo de manejo do cultivo, sempre que possível deve ser evitado pelo produtor a receita

baixa, em razão da queda de produtividade média da lavoura e dos custos associados a esta modalidade de poda. Após esta safra o produtor irá fazer em toda a área a poda do tipo decote + esqueletamento, com exceção das parcelas com recepa, já que a desfolha será muito grande e a próxima safra para 2019 seria muito baixa. Durante o período de colheita desta safra, foi observado que a colheita com as derradeiras costais manuais proporcionaram um trabalho mais fácil nestas áreas em comparação a onde não foi realizado tal prática mecânica na lavoura. Apesar de não ter sido realizadas avaliações, não foi observado na área microterraceada nenhum tipo de erosão ou outro prejuízo, pelo contrário, os trabalhadores relataram que gostam de trabalhar no microterraceamento para a realização de todas as práticas da lavoura como: calagem, adubação, controle de ervas e a própria colheita.

**Tabela 1.** Produtividade média (Sc/ha) das safras de 2015, 2016, 2017 e 2018, produção acumulada, produtividade média das 04 safras, infecção de ferrugem (%) e vigor vegetativo na safra de 2018 em café arábica Catuaí V. IAC-44, Santa Maria de Marechal Floriano-ES.

| Tratamentos                    | Produt. média Sc/Ha) |             |              |             | Produção (sacas)<br>acumulada | Produt. (Sc/Ha)<br>Média 4 anos | % Ferrugem  |             | Vigor Veg. |  |
|--------------------------------|----------------------|-------------|--------------|-------------|-------------------------------|---------------------------------|-------------|-------------|------------|--|
|                                | 2015                 | 2016        | 2017         | 2018        |                               |                                 | 2018        | 2018        |            |  |
| T1- Testemunha                 | 38,8 a               | 54,2 b      | 19,7 b       | 73,3 b      | 186,6                         | 46,6 a                          | 74,0 a      | 7,1 b       |            |  |
| T2- Decote                     | 0,0 b                | 65,6 a      | 12,6 c       | 83,0 ab     | 161,2                         | 40,3 b                          | 76,0 a      | 8,0 a       |            |  |
| T3- Decote +<br>Esqueletamento | 0,0 b                | 54,1 b      | 17,0 bc      | 90,9 a      | 162,0                         | 40,5 b                          | 72,5 a      | 8,0 a       |            |  |
| T4- Recepa                     | 0,0 b                | 19,4 c      | 43,3 a       | 77,6 ab     | 140,3                         | 35,1 c                          | 63,7 a      | 8,1 a       |            |  |
| <b>C.V.(%)</b>                 | <b>6,98</b>          | <b>5,29</b> | <b>12,83</b> | <b>9,14</b> |                               | <b>3,8</b>                      | <b>8,54</b> | <b>4,33</b> |            |  |

Letras diferentes nas colunas indicam diferença estatística significativa pelo teste de Tukey ( $p \leq 0,05$ ).

**Conclui-se que:** i) A poda com maior eliminação da parte vegetativa das plantas interfere negativamente na produtividade dos primeiros anos da lavoura; ii) a poda do tipo recepa é drástica e deve ser evitada pelo cafeicultor; iii) podas do tipo decote e decote + esqueletamento, menos drásticas, devem ser adotadas como alternativa para diminuir a altura das plantas e fazer a renovação das lavouras que ainda não perderam totalmente a saia; iv) Em lavoura podada e terraceada ao mesmo tempo, o efeito das podas é semelhante ao observado nas lavouras convencionais; v) o microterraceamento facilitou os tratos culturais e a colheita com a derradeira costal sobre o pano.